

# Valores contemporâneos do património: A paisagem cultural das Terras do Barroso

## Heritage's contemporary values: The cultural landscape of Terras do Barroso

**Joana Capela de Campos**

Pós-doutoranda em Turismo, Território e Patrimónios, CEGOT-UC;

Investigadora Integrada, Centro de Ecologia Funcional - Ciência para as Pessoas e o Planeta (História, Território e Comunidades), CFE-UC

joanacapela@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-8644-8196>

Artigo recebido a 20 de maio de 2020 e aprovado a 26 de outubro de 2020

### Resumo

A divergência sobre as ações de prospeção e exploração de lítio desenvolvidas a partir de 2012, nos concelhos de Montalegre e de Boticas, em Terras do Barroso (Portugal), levanta uma problemática radicada no âmbito do conhecimento e da interpretação do território.

Durante muitos séculos, o isolamento e o modo de viver em terras altas foram a tônica comum às comunidades barrosãs; a implementação pelo território obrigava, por um lado, a uma adaptação às condicionantes do lugar e, por outro lado, a um aproveitamento dos recursos disponíveis. No planalto barrosão, a inter-relação entre o homem e a natureza determinou uma unidade de paisagem reconhecida, construída ao longo dos séculos, cujo equilíbrio foi sendo estabelecido pela conjugação e interdependência entre as condicionantes físicas do lugar e a cultura própria destas comunidades, com os seus usos, costumes, tradições e formas de habitar.

Deste modo, este trabalho pretende contribuir para a compreensão do sistema da paisagem cultural das Terras do Barroso, enquanto unidade composta ao longo do tempo. Recorrendo a um mapeamento teórico e operativo da arquitetura da sua paisagem, identifica-se a inter-relação estabelecida entre as diversas valências, componentes e constantes, levantadas e consideradas para este exercício.

A pertinência da problemática - incidida sobre a necessidade de compreensão dos valores contemporâneos do património, como a paisagem cultural - perspetiva-se a partir do momento que importa articular uma hierarquia de valores, desde os económicos e ambientais, até aos culturais e naturais, para que a qualidade desejável das decisões públicas possa ser alcançada.

**Palavras-chave:** paisagem cultural, Terras do Barroso (Portugal), gestão sustentável de recursos, arquitetura da paisagem, unidade de paisagem.

### Abstract

Divergences over the actions taking concerning lithium mining since 2012, in the municipality of *Montalegre* and *Boticas*, in *Terras do Barroso* (Portugal), highlight a problematic issue linked to the knowledge and the interpretation of the territory.

For many centuries, the isolation and the way of living in highlands were characteristics of the communities of *Barroso*; leading to an adaptation to the local conditions and to a utilisation of the resources available. On this high plateau, the inter-relation between man and nature defined an ancient landscape, whose balance was established by the combination and interdependence between the local physical conditions and the culture, with its customs, traditions and ways of living.

The aim of this work is to understand the cultural landscape system of *Terras do Barroso*, as a unit composed over time. The inter-relationships established between the diverse valences, components and evidence analysed for this study are identified through the rationale and operative mapping of the architecture of its landscape.

The relevance of this - established by the need to understand its heritage's contemporary values, such as cultural landscape - comes at the moment that it is important to articulate a hierarchy of values, from the economic and environmental to the cultural and natural, in order to guarantee the quality of public decisions.

**Keywords:** cultural landscape, *Terras do Barroso* (Portugal), sustainable management of resources, architecture of the landscape, landscape unit.

## 1. Introdução

A necessidade deste artigo surge a partir da problemática que tem vindo a ser tema dominante na região de Boticas e de Montalegre, desde 2012, com o início do contrato para prospeção e exploração de lítio, à luz do repto das alterações necessárias, prementes e globais para um eficaz processo de descarbonização.

De acordo com as teorias e diretivas, que têm vindo a ser estudadas e promovidas, com grande foco no Acordo de Paris de 12 de dezembro de 2015 (United Nations, 2015), o processo de descarbonização passa por um investimento em torno de tecnologias capazes de o revolucionar. Pretende-se reduzir a dependência dos combustíveis fósseis e, sobretudo, consciencializar as populações para uma necessária e urgente mudança de hábitos, de modo a tentar inverter o ciclo de insustentabilidade que o planeta atravessa, reduzindo e minimizando o impacto verificado pelos nossos estilos de vida globalizados.

Uma das apostas internacionais, sob esse propósito, baseia-se numa eletrificação da economia. Nesse sentido, uma parcela que deve ser considerada nesta equação é o armazenamento de energia. À luz desta demanda, para se atingir a desejada ‘maturidade tecnológica’, nesta urgência da transição energética, encontra-se a discussão sobre a importância do lítio, da sua mineração e exportação, no contexto das baterias para armazenamento de energia.

Em Portugal, esta questão está a ser discutida, tendo em conta que o Governo assumiu o compromisso da neutralidade carbónica até 2050 (Resolução do Conselho de Ministros n.º 107/2019, 2019; República Portuguesa - Ambiente e Transição Energética et al., 2019, 2019).

No entanto, a génese do processo da exploração do lítio foi convocada em 2012 e tem vindo a demonstrar particular impacto devido ao estágio avançado do processo de exploração deste metal, na região das Terras do Barroso. A localização das minas<sup>1</sup> não se tem manifestado num processo pacífico, sobretudo pela reação da população local e pela

relatada falta de fiscalização e acompanhamento, por parte das entidades com responsabilidade e competências, nestas matérias. De facto, este processo emergente ainda se encontra num estado nebuloso, pela falta de esclarecimentos de várias ordens, científica e política, atendendo ao conteúdo de manifestações, denúncias e relatos da comunidade local<sup>2</sup>, amplamente divulgados pela imprensa (Covas do Barroso, 2018; Lusa, 2019).

Todavia e em rigor, para o caso concreto, outra problemática concorre para o enquadramento que se estabelece na compreensão do modo de apropriação daquele território, votado muitas vezes ao isolamento e, não menos vezes, ao esquecimento.

Deste modo, o presente artigo pretende concorrer para a compreensão sobre a leitura contemporânea dos valores do património enquanto recurso de um território. Nesta linha, o seu propósito constitui-se como um contributo para essa leitura, a partir do estudo e mapeamento da paisagem cultural da região barrosã, tendo em conta a identificação e caracterização das suas valências, componentes e evidências. Será a partir da compreensão da composição da paisagem cultural do Barroso, que a gestão dos vários valores em causa pode ser perspetivada sobretudo na articulação entre, por um lado, a economia e o ambiente e, por outro lado, os valores culturais e naturais referenciados ao lugar.

No fundo, ambiciona-se que este trabalho possa ser uma mais-valia para que as decisões em curso e futuras sejam mais informadas, tentando religar *dois mundos*, como referia José Reis, “o da interpretação e do conhecimento do território e o das formas de lidar com ele através das políticas públicas. Não podem ser, como é evidente, coisas desligadas” (Reis, 2015, p. 107).

## 2. Caracterização da paisagem cultural do Barroso

O território das Terras do Barroso, em Portugal, conformado pelos concelhos de Boticas e Montalegre e o mais elevado da região de Trás-os-Montes e Alto Douro, caracteriza-se por uma topografia acidentada, cujo aglomerado de serras é separado por grandes

<sup>1</sup> Cf. Informação comunicada pela Direção-Geral de Energia e Geologia, entre Junho de 2016 e Janeiro de 2020; rev29, 07/02/2020, de Nik Völker / Mapa do Minério para MiningWatch Portugal. Nik Völker (2016) - *O lítio no Norte e Centro: Mineração de lítio nos concelhos do Norte e Centro de Portugal: Áreas requeridas, atribuídas e em vias de atribuição para prospeção ou exploração desde 2016* [online], in <https://miningwatch.pt/>, acedido em 11/05/2020.

<sup>2</sup> Cf. (Movimentos associativos de Arcos de Valdevez, Braga, Boticas, Caminha, Coimbra, Covilhã, Fundão, Gouveia, Guarda, Lisboa, Montalegre, Seia, Viana do Castelo e Viseu, 2020a, 2020b); Mining Watch Portugal [online], in <https://miningwatch.pt/>, acedido em 11/05/2020.

depressões, por onde cursos de rios e ribeiras estabelecem o seu percurso. As bacias do Alto Cávado e do Alto Rabagão são constituídas por quatro barragens - a do Alto Cávado e a da Paradela, da primeira bacia hidrográfica, e a do Alto Rabagão (ou de Pisões) e a de Vendas Novas, da segunda.

O planalto barrosão está definido a norte pela Serra do Larouco (altitude de 1.525 metros), uma linha territorial estratégica e defensiva na margem direita do Alto Cávado, uma fronteira do país que se considera estar definida desde o início da nacionalidade<sup>3</sup>; a sul, pela Serra da Cabreira (altitude de 1.262 metros) e Serra do Barroso (altitude de 1.279 metros); a nascente, pela Serra de Leiranco (altitude de 1.104 metros); e a poente, pela Serra do Gerês (altitude de 1.546 metros), integrada no Parque Nacional da Peneda-Gerês.

A diversidade dos ecossistemas é promovida pela variedade biológica, animal e vegetal, existente (ADRAT & MAFDR, 2018). A mancha florestal define-se pela predominância de carvalho-negral e pinheiros, pontilhadas com o aparecimento de teixo e, abaixo dos 800 metros de altitude, com manchas de carvalho. Nos *habitats* de beira-rio, os ecossistemas caracterizam-se pela predominância do videiro ou bétula-branca, do salgueiro-negro, do azevinho, dos loureiros e manchas de cerejeira-brava. Da flora, destacam-se o lírio do Gerês, o lírio, os fetos, a falsa-cidreira, o mirtilo-eurasiático, a carqueja, a erva de São-Roberto, diversas urzes, o tojo e as giestas.

Estas terras do planalto barrosão acolhem uma fauna variada, que está adaptada às condições existentes, destacando-se o lobo ibérico, o corço do Gerês, diversas aves que aproveitam as florestas e encostas para a nidificação, como a águia-real e insetos de grande variedade como borboletas, escaravelhos e abelha ibérica. Nos *habitats* de rio é possível encontrar indivíduos de lontra-europeia.

Um dos aspetos essenciais para a adaptação das populações a estas terras e que caracterizam a sua interação com o lugar pauta-se pela domesticação e criação de gado bovino, suíno, caprino e ovino. Um dos maiores ativos das comunidades centrava-se no gado bovino com características genéticas endógenas e designados por raça Barrosã e Maronesa.

Por largos séculos, as povoações foram se adequando às exigências do clima rígido<sup>4</sup> da terra fria transmontana, utilizando a montanha como proteção. As vertentes mais abrigadas dos ventos, com maior exposição ao sol e menor exposição à chuva e neve e a proximidade a cursos de água constituíram-se fatores de implantação das comunidades neste território.

O século XX conheceu o interesse académico sobre esta região, onde a luz se torna “mais crua, a terra mais dura e a gente mais retraída” (Ribeiro, 1998, p. 150), tendo sido realizados variados estudos para a sua caracterização etnográfica, geográfica e arquitetónica. Alguns estudos, como *Alto Trás-os-Montes*, de Vergílio Taborda (1932), *Etnografia Portuguesa*, de José Leite de Vasconcelos (1933), *Inquérito de Geografia Regional e Inquérito do Habitat Rural*, de Orlando Ribeiro (1938), *Inquérito à Habitação Rural - A habitação rural nas províncias do Norte de Portugal (Minho, Douro Litoral, Trás-os-Montes e Alto-Douro)*, de E. Lima Basto, Henrique de Barros e Eugénio de Castro Caldas (1943) ou ainda, *Rio de Onor: comunitarismo agro-pastoril*, de Jorge Dias (1953), constituíram-se num suporte para outros que se lhes seguiram.

Entre 1955 e 1960, foi realizado o inquérito à arquitetura popular em Portugal, sendo feito um levantamento, análise e reconhecimento do território e das suas potencialidades (AAP-CDN, 1988). Pelos resultados obtidos, o inquérito realizado pelos arquitetos portugueses revelou que a arquitetura popular se constituía numa lição que a arquitetura portuguesa necessitava e num elemento essencial para o estudo do território, tornando-se ele próprio num complemento aos estudos já realizados. A equipa responsável pelo levantamento da Zona II, referenciada à região de Trás-os-Montes, era constituída pelo arquiteto Octávio Lixa Filgueiras e pelos estagiários Carlos Carvalho Dias e Arnaldo Araújo, encontrando naqueles estudos prévios uma base consistente e instrutória para a concretização da tarefa que lhes havia sido atribuída (Dias, 2013).

Nesta região de montanha, a cadência do tempo tornava-se numa chave de leitura para a própria vida. O elemento montanha seria, porventura, o mais relevante, cuja maior característica de imposição do meio geográfico - o isolamento - se transformava e resultava num modo de vida (Figura 1). O lugar, as

<sup>3</sup> Sobretudo pela relação estratégica de implantação de três castelos para defesa do território, em Montalegre, Portelo (Santo André) e Piconha (Santa Maria das Júnias) - estes últimos desaparecidos (Capela de Campos, 2005, 2017).

<sup>4</sup> Como lembra o ditado popular barrosão: “nove meses de Inverno e três de inferno” (Baptista, 2006, p. 49).



Figura 1  
Outeiro (Montalegre).

Fonte: Ecomuseu de Barroso [online], in <http://www.ecomuseu.org/index/pt-pt/visite/freguesias/outeiro>.



Figura 2  
Arranque da batata, em Padornelos (Montalegre).

Fonte: Autora, Fotografia: Ecomuseu de Barroso.

suas circunstâncias e condicionantes permitiam estabelecer uma realidade que se perpetuava no tempo, como verificaram os arquitetos do inquérito:

A vida repete-se em cada ano, e os anos contam-se de Inverno a Inverno. Porque, com a caída das primeiras neves, a vida vai-se recolhendo às casas. Depois, longos dias, as casas e os caminhos ficam como a serra, rendidos à neve. E até ao degelo, quando a vida recomeça inteira, é a submissão do homem (AAP-CDN, 1988, p. 121).

A vida em comunidade desenvolvia-se numa forma de resposta muito sábia às necessidades diárias, decorrentes das condições existentes, quer ambientais, quer materiais, quer topográficas, quer climáticas, impostas no planalto barrosão. A partilha e a

rotatividade de responsabilidades, deveres e benefícios - as designadas *vezes* ou *vezeiras* -, aplicadas tanto à construção, manutenção e uso dos edifícios e espaços comunitários, como também à distribuição das atividades agrícolas e pecuárias essenciais (Figura 2), seriam uma opção popular de vida comunitária, que se constituiu numa forma de sobrevivência, ao longo dos séculos.

A perceção do espaço comum tornava-se num bem a valorizar e a preservar como uma ligação entre toda a comunidade, que se assumia responsável e beneficiária desse mesmo bem. O resultado formal poderá surpreender pela singularidade da interpretação da realidade envolvente, mas espaços e equipamentos comunitários eram necessários para respon-



Figura 3  
Forno do Povo, Pedrário (Montalegre).  
Fonte: Autora, Fotografia: Ecomuseu de Barroso.



Figura 4  
Pitões das Júnias (Montalegre).  
Fonte: Câmara Municipal de Montalegre [online], in <http://www.ecomuseu.org/index/pt-pt/visite/freguesias/pitoes-das-junias>.

der a funções essenciais, sobretudo, de base agropecuária.

Para os equipamentos havia grande empenho na construção e manutenção do forno, da igreja, da forja, do lagar, do alambique, da eira, das cortes do boi do povo (dedicado ao abrigo do boi comunitário), assim como também era demonstrado grande empenho na manutenção de pedras de afiar e amolar, fontes, lavadouros, largos, poços, caminhos, lamas do boi (terreno fértil de pasto dedicado ao boi comunitário) e dos terrenos de cultivo e de pastoreio.

A arquitetura popular procurava dar uma resposta muito prática às dificuldades e necessidades do dia-a-dia, tendo como suporte os recursos materiais da montanha, sobretudo, o granito e a madeira e, ainda, o excedente do cereal cultivado, o colmo. O

tempo despendido na elaboração da necessária resposta às diversas dificuldades focava-se na funcionalidade dos espaços.

Reflexo dessa vida comunitária barrosã, o edifício do Forno do Povo, distinguia-se do restante edificado pela sua condição e singularidade arquitetónica (Figura 3), inspirada nos templos românicos (Capela de Campos, 2005, 2017). Edifício essencial para a vida acontecer, nele a população juntava-se e revezava-se para cozer o pão de centeio, que constituiu a base da alimentação destas comunidades, por muitos séculos. Alguns destes edifícios ainda hoje cumprem a sua função, cozendo o pão, como o Forno do Povo de Pitões das Júnias (concelho de Montalegre). No entanto, os mais emblemáticos integram os

roteiros temáticos para visita turística, organizados pelo Ecomuseu de Barroso.

A economia do espaço e dos recursos seria organizada para que nada fosse desperdiçado, aproveitando tanto as condições naturais dos terrenos e das encostas, como dos recursos disponíveis ou adaptados. As comunidades dedicavam grande empenho às atividades pecuárias como a pastorícia e a criação de gado, com especial devoção ao gado bovino barrosão. As rotinas diárias dos rebanhos e das manadas comunitárias pautavam a marcação do tempo, no espaço edificado (ou não) das aldeias: pela manhã, saíam das cortes (alojamento dos animais) para o campo, passando pelos bebedouros dispostos pelos largos ou associados a cruzamentos ou edifícios essenciais (como o forno ou igreja), segundo a organização das aldeias; ao fim da tarde, voltavam para o devido descanso.

Neste contexto territorial, estas componentes enquadram-se numa disposição que lança pistas para uma visão de *ecologia humana* (Nazareth, 1993), onde a correlação estabelecida entre o homem e o meio geográfico, ao longo dos tempos, sublinha a transformação inerente a um processo de moldagem inter-relacional entre o homem e o seu meio geográfico. O homem molda a natureza à sua volta, que por sua vez, o determina na sua ação, estabelecendo um *ponto de encontro entre o homem e a natureza* constante (Serrão, 2014), ou seja, a construção de uma paisagem ao longo do tempo (Figura 4).

A contextualização de valências ou dimensões, como a territorial, a ecológica, a sociocultural e a económica, pela articulação e interdependência de todas as componentes, referenciadas a este lugar geográfico, tanto as naturais como as humanas, contribuem para definir a paisagem cultural do Barroso como um sistema singular e unitário. Por conseguinte, o estudo desta paisagem cultural e das suas diversas componentes, como a arquitetura popular, a vida comunitária e as atividades agro-silvo-pecuárias, dá o seu contributo nesse sentido, a partir do exercício que estas comunidades de montanha desenvolveram ao longo dos séculos, em estreita ligação e inter-relação com o meio e com as condições inerentes ao lugar ou, como referia Orlando Ribeiro, no “jeito de afeiçoar a terra a uma vida em comum” (1998, p. 134).

### 3. Valores contemporâneos do património

Desde a década de 60 do século XX que, no âmbito da paisagem, a UNESCO reconhece que os sítios e as paisagens estão sujeitos a um rápido processo de desenvolvimento e de progresso tecnológico. Em 1962, a UNESCO assumia a paisagem como *património cultural, estético e vital* das regiões de todo o mundo, *por formarem parte do ambiente natural das comunidades*, através da *Recomendação sobre a salvaguarda da beleza e do carácter das paisagens e dos sítios*. Trinta anos passados e com a devida evolução conceptual, a paisagem passava a ser estabilizada como património cultural, a partir de 1992, no texto da Convenção do Património Mundial da UNESCO, assumindo-se como sendo o primeiro instrumento político a reconhecer as *paisagens culturais* (World Heritage Committee, 2018, pp. 22-23).

Também o Conselho da Europa, com o respaldo de um instrumento político pela adoção da Convenção Europeia da Paisagem assinada em Florença em 2000, alinhava-se com os propósitos da UNESCO, ao pretender promover a proteção, o planeamento e gestão das paisagens europeias. Adicionalmente, com a adoção da Convenção-Quadro de Faro relativa ao valor do património cultural para a sociedade, de 2005, o Conselho da Europa assumia uma perspetiva e compromisso para futuro, assente na importância e no valor que o património cultural tinha e deveria ter para a sociedade europeia contemporânea, para as novas gerações e para o desenvolvimento humano em geral (Martins, 2009). A partir da ideia de uma cultura aberta e universalista enquanto marca identificadora, a cultura europeia congrega uma diversidade cultural, onde todas as formas de património devem ser conhecidas e valorizadas.

No seguimento da ratificação das Convenções Europeias, Portugal estabeleceu uma Rede Nacional de Áreas Protegidas<sup>5</sup>, onde o Parque Nacional da Peneda-Gerês (classificado desde 1971 e tendo 20% da sua área no concelho de Montalegre<sup>6</sup>) consta como sendo a primeira área assinalada na lista.

Pela sua localização estratégica de fronteira, o Parque Nacional da Peneda-Gerês constituiu juntamente com o Parque Natural da Baixa Limia

<sup>5</sup> Cf. ICNF (2007) - *Áreas Protegidas*, [online], in <http://www2.icnf.pt/portal/ap>, acedido em 18/04/2020.

<sup>6</sup> Cf. (ADRAT & MAFDR, 2018, p. 7).



Figura 5

Negrões (Montalegre).

Fonte: Câmara Municipal de Montalegre [online], in <http://www.ecomuseu.org/index/pt-pt/visite/freguesias/negroes>.

(Galiza, Espanha), a Reserva Transfronteiriça Gerês-Xurés<sup>7</sup> que, desde 2009, integra a Rede Mundial da Reserva da Biosfera, no âmbito do programa lançado pela UNESCO em 1971 intitulado Homem e Biosfera. Como refere o Comité Nacional para o Programa, as funções de uma rede de biosfera pretendem abranger três tópicos de abordagem:

A conservação da diversidade genética das espécies, ecossistemas e paisagens e a salvaguarda da diversidade cultural; um desenvolvimento social, cultural e ecologicamente sustentável em função das necessidades do território e da população local; e contribuir para a investigação científica, monitorização, capacitação, divulgação, educação e sensibilização ambiental e aplicação de modelos de desenvolvimento sustentável (Comité Nacional MaB, 2018, p. 2).

Adicionalmente, o Parque Nacional da Peneda-Gerês também faz parte da Rede Natura 2000<sup>8</sup>, uma rede ecológica assente nas Diretivas Aves e Habitats e constituindo-se como sendo o principal instrumento para a preservação e conservação da natureza para o espaço da União Europeia.

Todos estes *layers* de proteção e conservação, elencados em programas e instrumentos políticos internacionais e nacionais de ordenamento do território, vêm adensar o nível de interesse que as autoridades nacionais, regionais e locais demonstram ter com a proteção e conservação dos ecossistemas e da biodiversidade, presentes nesta região.

Todavia, não são apenas direcionadas as atenções para a importância destas especificidades da natureza. Também as atividades humanas, assentes no comunitarismo barrosão, têm vindo a despertar interesse pelo equilíbrio que promovem entre o meio geográfico e a promoção do desenvolvimento económico sustentável desta região, tendo em conta a qualidade de vida das populações.

As aldeias do planalto do Barroso apresentam características semelhantes na abordagem ao território: a circunstância do meio e o isolamento das comunidades ao longo de grande parte do ano, devido às neves prolongadas. Esta circunstância foi a regra, até à segunda metade do século XX. Em consequência, as comunidades promoveram especificidades não só do ponto de vista arquitetónico e da relação com o espaço comunitário organizado, como também com as práticas e costumes de gestão e produção de uma economia própria do lugar e baseada nas possibilidades e contingências da montanha, racionalizando meios e recursos sem desperdícios.

O modo de vida nesta região traduziu-se em particularidades e especificidades próprias que têm vindo a ser reconhecidas nacional e internacionalmente, com a atribuição de prémios e com a inscri-

<sup>7</sup> Cf. Gerês-Xurés Reserva da Biosfera Transfronteiriça (27/09/2018) - *Gerês-Xurés Transboundary Biosphere Reserve*, [online], in <https://www.reservabiosferageresxures.eu/en>, acedido em 20/04/2020.

<sup>8</sup> A Diretiva Aves confere Zonas de Proteção Especial para garantir a proteção de aves e dos seus habitats, bem como das aves migratórias e a Diretiva Habitats confere Zonas Especiais de Conservação para assegurar a biodiversidade no espaço da UE, através da conservação dos habitats naturais e dos de espécies da flora e da fauna selvagens ameaçadas. Cf. *European Commission (05/03/2020) - Natura 2000*, [online], in [https://ec.europa.eu/environment/nature/natura2000/index\\_en.htm](https://ec.europa.eu/environment/nature/natura2000/index_en.htm), acedido em 28/04/2020.

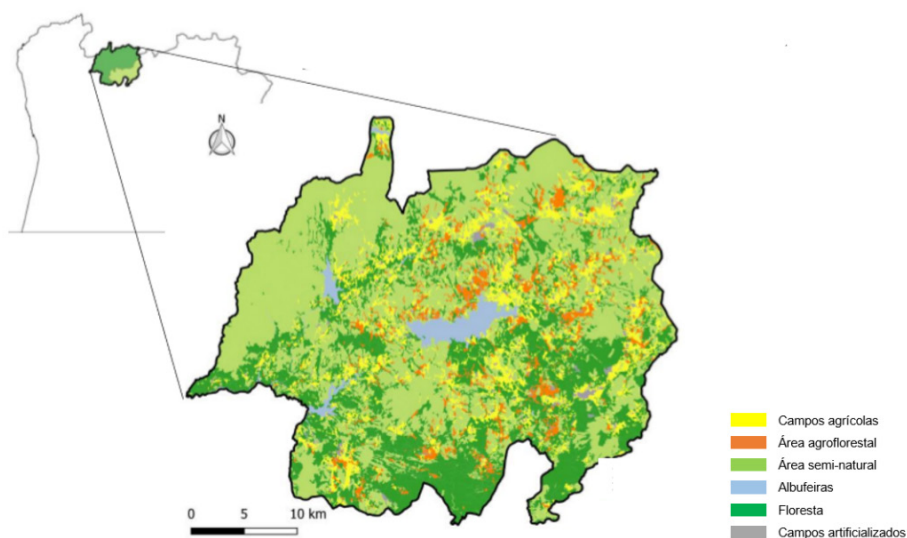


Figura 6

Meio geográfico da região do Barroso (norte de Portugal), com a indicação do uso e da ocupação do solo, inscrito como Sistema Importante do Património Agrícola Mundial (Fonte: COS2007).

Fonte: (ADRAT & MAFDR, 2018, p. 2 e 13).

ção destas áreas em sistemas de reconhecimento mundial.

O Sistema Agro-Silvo-Pastoril do Barroso, abrangendo os municípios de Botas e de Montalegre (Figuras 6 e 7), foi reconhecido como Sistema Importante do Património Agrícola Mundial<sup>9</sup>, pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura, durante o 5.º Encontro do Grupo de Consultores Científicos, ocorrido entre 23 e 25 de novembro de 2017. Promovida pelo Ministério da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural (MAFDR), a candidatura foi desenvolvida pela Associação de desenvolvimento da Região do Alto Tâmega (ADRAT).

Cinco aspetos foram sublinhados para evidenciar a importância global deste sistema de património agrícola: pelo facto de se basear numa agricultura extensiva desenvolvida em harmonia com o contexto do lugar; a notável interação agro-ecológica entre pastagens, produção agrícola e floresta; o conhecimento residente nas famílias de agricultores, passado de geração em geração, que capacita a garantia, a manutenção e a continuidade da produção; o sistema social comunitário; e, o recurso genético único dos animais endémicos (ADRAT & MAFDR, 2018, pp. 6-7).

Outro reconhecimento internacional, na categoria educação, formação e sensibilização, constituiu-se na atribuição do Prémio Europa Nostra 2016 ao Planalto da Mourela, localizado no concelho de Montalegre, na área oriental do Parque Peneda-Gerês, que recebeu a distinção com o projeto “A conservação dos urzais e o desenvolvimento sustentável no Planalto da Mourela”. Abrangendo sete baldios localizados em Outeiro, Covelães, Paredes do Rio, Pitões das Júnias, Tourém, Sezelhe e Travassos, o júri do prémio destacou a importância da paisagem cultural desta região, bem como a importância das atividades das suas comunidades, que contribuem harmoniosamente na criação e manutenção desse ambiente natural, constituinte do património europeu<sup>10</sup>.

No âmbito deste projeto, o município, com a colaboração do Ecomuseu do Barroso, pretendia trabalhar as tradicionais práticas locais de gestão dos matos, como o roço, o fogo controlado e o controlo de giestas com o gado ou vezeiras, potenciando a gestão da limpeza das áreas de mato. Objetivamente, dois propósitos estariam na base deste projeto de sustentabilidade, por um lado, contribuir para a diminuição do risco de incêndio florestal na zona e, por outro lado, incentivar a criação de gado

<sup>9</sup> Cf. FAO-GIAHS (07/12/2017) - *Barroso Agro-Silvo-Pastoral System*, [online], in <http://www.fao.org/giahs/giahsaroundtheworld/designated-sites/europe-and-central-asia/barroso-agro-silvo-pastoral-system/en/>, acedido em 01/04/2020.

<sup>10</sup> Cf. European Heritage Europa Nostra Awards (07/04/2016) - *Sustainable Development of Mourela Plateau in Peneda-Gerês National Park*, [online] in <http://www.europeanheritageawards.eu/winners/sustainable-development-mourela-plateau-peneda-geres-national-park/>, acedido em 07/04/2020.

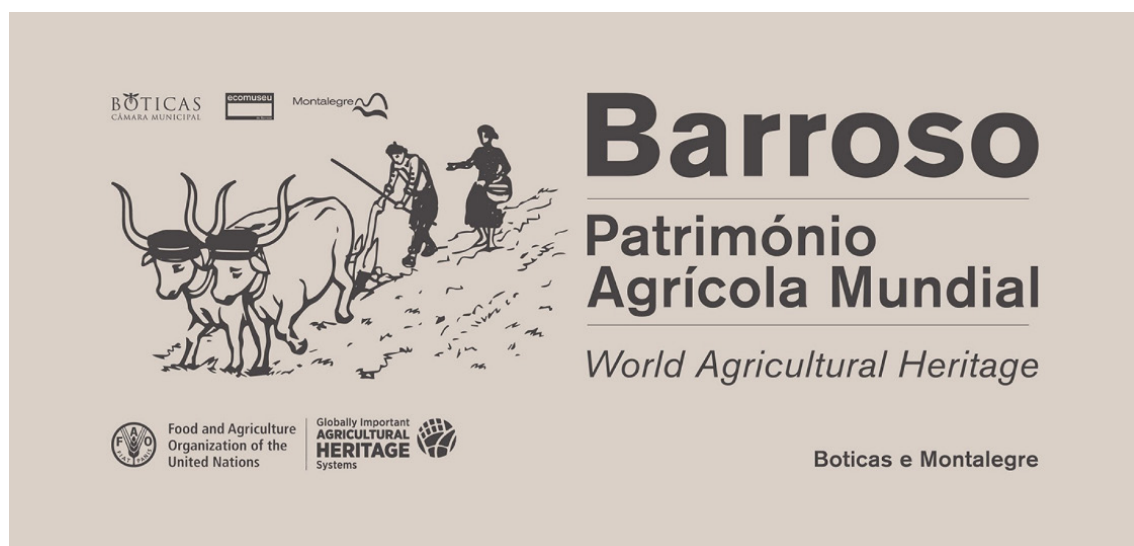


Figura 7

Barroso | Património Agrícola Mundial.

Fonte: Câmara Municipal de Montalegre [online], in <https://www.cm-montalegre.pt/pages/952>.

caprino (sobretudo), tendo em conta a manutenção da limpeza do mato. Para tal, adaptaram uma casa florestal num centro de interpretação pedagógica para a importância deste legado tradicional e cultural para as comunidades de montanha e, adicionalmente, criaram percursos com uma vertente mais turística e de lazer.

Estas distinções internacionais, que reconhecem e compreendem o valor intrínseco a este sistema de interação das comunidades com o território, podem estar a reconhecer simultaneamente o contributo destas comunidades em alcançar o Objetivo 11 para o Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030, que pretende “tornar as cidades e os assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis” (United Nations General Assembly, 2015, p. 14).

Em rigor, a tipologia destas distinções internacionais aferem a capacidade de inter-relação que estas comunidades demonstram ter com o seu *habitat*, onde a valorização da sua paisagem como matriz cultural - ou da sua forma de estar na terra<sup>11</sup> -, vai para além da responsabilidade sociocultural, estabelecendo-se numa necessidade básica comunitária para que a vida do dia-a-dia possa acontecer.

<sup>11</sup> O concelho de Montalegre concorreu à 9.ª edição do concurso 7 *Maravilhas de Portugal*, que, em 2020, apostando no tema Cultura Popular. Cf. Câmara Municipal de Montalegre (15/04/2020) - *Concelho | 7 Maravilhas da Cultura Popular* - Nomeados, [online] in [https://www.cm-montalegre.pt/pages/823?news\\_id=4681](https://www.cm-montalegre.pt/pages/823?news_id=4681), acedido em 17/04/2020; Câmara Municipal de Montalegre (30/08/2020) - “Sexta 13” *Promoção | Torres Novas*, [online] [https://www.cm-montalegre.pt/pages/823?news\\_id=4767](https://www.cm-montalegre.pt/pages/823?news_id=4767), acedido em 03/09/2020.

#### 4. A arquitetura da paisagem: o sistema da paisagem cultural do Barroso

Pensando numa analogia ao que Aldo Rossi entendia como *a arquitetura da cidade* (Rossi, 2001), estipulamos a arquitetura da paisagem como a construção da paisagem ao longo do tempo. Nesta leitura, a paisagem é entendida como uma criação que se vai estabelecendo por adição, subtração e alteração, que vai permanecendo por uma ideia e/ou necessidade. Assim como a cidade, a paisagem é uma criação do homem.

No entanto, a negociação para a sua concretização vai articulando a composição entre os diversos elementos físico-naturais, topográficos, hidrográficos, vegetais, animais e elementos humanos, construídos, sociais, culturais, económicos. Porque se constitui como parte do território do homem, não está isenta à transformação, enquanto constante da evolução e do tempo - mesmo quando apenas sujeita a uma intervenção mental humana. Como explicava James Corner (1999, 2002), a paisagem é um fenómeno cultural que está para além da imediata compreensão sem que haja um exercício de mapeamento, ou seja, sem que haja uma perspetiva ou um ato construtivo para que se compreenda o seu valor.

A definição de paisagem cultural avançada pelo Comité do Património Mundial, entende que esta se constitui como sendo um bem cultural

representando as “obras conjugadas do homem e da natureza” (World Heritage Committee, 2018, p. 22) e conforma a evolução dessa conjugação homem-natureza, ao longo do tempo, tendo em conta a influência de quatro condicionantes, a física e/ou ambiente natural, a social, a económica e a cultural.

A leitura sobre as condicionantes equaciona um entendimento analítico sobre os requisitos que determinam o existente. No entanto, se enquadrarmos essas condicionantes também como valências, a compreensão sobre o existente admite a possibilidade da valorização desses requisitos. Por outras palavras, se a análise do existente for ajustada por um foco duplo entre condicionante e valência, o existente adquire uma perspectiva de matriz individualizada com os traços de uma identidade.

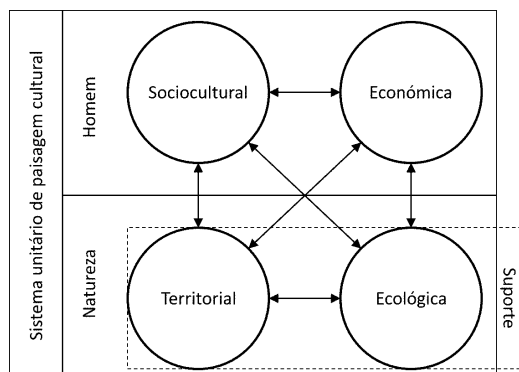
Para o caso deste ponto de encontro entre o homem e a natureza, em Terras do Barroso, a sua identidade assume uma dimensão temporal, no sentido em que a sua paisagem foi permanecendo e resistindo às transformações de um mundo cada vez mais globalizado e tendo em conta que o isolamento foi uma constante verificada pelas suas comunidades, ao longo e durante muito tempo. Deste modo, as transformações ou adaptações concretizadas foram sendo, paulatinamente, absorvidas, incorporadas e integradas no sistema, tornando-se parte dele.

A integridade sócio-funcional, estrutural e visual<sup>12</sup> do sistema foi sendo alcançada de um modo evolutivo, pela dinâmica estabelecida entre a inter-relação entre o homem e o meio geográfico ao longo do tempo. Mesmo num mundo cada vez mais globalizado, a especificidade e a singularidade da paisagem cultural do planalto barrosão assume contornos de sistema unitário, cuja identidade é revelada pelo conjunto de todas as suas características, condicionantes, dinâmicas, valores e significados, interdependentes entre si e estabilizadas ao longo do tempo.

Este entendimento também foi assumido pela equipa que coordenou o estudo realizado em 2002, com o objetivo de identificar e caracterizar os grupos e as unidades de paisagem em Portugal Continental, classificando estas terras barrosãs no grupo B, cuja localização geográfica corresponde a Montes entre Larouco e Marão, bem como, na Unidade de Paisagem 13, dedicada às Serras do Larouco e Barroso

Quadro 1

*Dinâmicas inter-relacionais entre as valências de composição do sistema da paisagem cultural do Barroso*



Fonte: Autora.

exclusivamente (Cancela d'Abreu, Correia, & Oliveira, 2004b, p. 87-98).

Nesse sentido, um possível mapeamento para a compreensão do sistema da paisagem cultural das Terras do Barroso assenta na estruturação das suas valências<sup>13</sup> segundo a identificação da sua matriz cultural. Este exercício consubstancia-se numa teorização do existente - a partir de pesquisas, levantamentos, observações, análises e interpretações - para se compreender e valorizar os benefícios que este sistema demonstra ter, para a sua conservação, manutenção e sustentabilidade.

Uma rede complexa de categorias identificadoras e únicas, estabelecida por condicionantes, circunstâncias e atividades, humanas e naturais, em permanente articulação de suporte<sup>14</sup> e de interdependência entre si, permite desenhar o sistema unitário e relacional desta paisagem, tendo em conta a estruturação das suas valências que se organizam por diversas componentes, por sua vez determinadas pela caracterização das suas constantes ou evidências (Campar de Almeida, 2006).

Pese embora as evidências que caracterizam esta estruturação se constituam interdependentes - como se verifica nas abordagens de *perspetiva global* da ecologia humana (Nazareth, 1993) -, é possível estruturar o sistema da paisagem cultural do Barroso em quatro valências de inter-relação, a territorial, a ecológica, a sociocultural e a económica

<sup>12</sup> Por uma questão operativa, entende-se *integridade sócio-funcional, estrutural e visual* à luz da definição concretizada por Jukka Jokilehto (2006, p. 14).

<sup>13</sup> No estudo referenciado, a nossa categoria de análise 'valência' corresponde à categoria 'dimensão'. Cf. (Cancela d'Abreu, Correia, & Oliveira, 2004a).

<sup>14</sup> À luz da premissa de Le Bossé, em que "o lugar é considerado o suporte essencial da identidade cultural, (...) que ancora a pessoa humana (...) na sua geograficidade" (2013, p. 225).

Quadro 2

Mapeamento do sistema da paisagem cultural do Barroso

Valências		Componentes	Evidências/Constantes	
Paisagem Cultural do Barroso	Suporte e interdependência	Territorial	Localização	Portugal, região de Trás-os-Montes e Alto Douro Concelhos de Boticas e Montalegre Abrange parte do Parque Natural da Peneda-Gerês (Minho e Trás-os-Montes) e Reserva da BiosferaTransfronteiri- ça Gerês-Xurês
			Relevo	Planalto barrosão: definido a norte pela Serra do Larouco (alt. 1.525m); a sul pelas Serras da Cabreira (alt. 1.262m) e Serra do Barroso (alt. 1.279m); a nascente pela Serra de Leiranco (alt. 1.104m); e a poente pela Serra do Gerês (alt. 1.546m) Bacias hidrográficas: Alto Cávado (Barragens do Alto Cávado e da Paradela) e Alto Rabagão (Barragens do Alto Rabagão ou de Pisões e a de Vendas Novas)
			Clima	Temperado, dominado pelo planalto de terra fria, montanha e transição da terra fria
		Ecológica	Diversidade de Ecossistemas	Floresta: predominante de carvalho-negral ( <i>Quercus pyrenaica</i> ), carvalho ( <i>Quercus robur</i> ) (alt. >800m) e pinheiros ( <i>Pinus pinaster</i> ); teixo ( <i>Taxus baccata</i> ); habitats de beira-rio com videiro ou bétula-branca ( <i>Betula celtiberica</i> ), salgueiro-negro ( <i>Salix atrocinerea</i> ), azevinho ( <i>Ilex aquifolium</i> ), loureiros ( <i>Laurus nobilis</i> ) e cerejeira-brava ( <i>Prunus avium</i> ) Flora: lírio do Gerês ( <i>Iris boissieri</i> ), lírio ( <i>Lilium matagoton</i> ), fetos ( <i>Woodwardia radicans</i> ), falsa-cidreira ( <i>Melittis melissophyllum</i> ), mirtilo-urasiano ( <i>Vaccinium myrtillus</i> ), carqueja ( <i>Pterospartum tridentatum</i> ), erva de São-Roberto ( <i>Geranium robertium</i> ), urzes ( <i>Erica australis</i> subsp. <i>Aragonensis</i> e <i>Erica umbellata</i> ), tojo ( <i>Ulex minor</i> ), giestas ( <i>Cytisus scoparius</i> e <i>Cytisus striatus</i> ) Fauna: lobo ibérico ( <i>Canis lupus signatus</i> ); corço ( <i>Capreolous capreolous</i> ) (Gerês); pássaros cartaxo-nortenho ( <i>Saxicola rubetra</i> ), escrevedeira-amarela ( <i>Emberiza citrinela</i> ), picanço-de-dorso-ruivo ( <i>Lanius collurio</i> ), narceja-comum ( <i>Gallinago gallinago</i> ), gralha-de-bico-vermelho ( <i>Pyrrhocorax pyrrhocorax</i> ), tartaranhão ( <i>Pernis apivorus</i> e <i>Circus cyaneus</i> ), águia-real ( <i>Aquila chrysaetos</i> ); lontra-europeia ( <i>Lutra lutra</i> ); borboletas, escaravelhos e abelha ibérica ( <i>Apis mellifera iberiensis</i> ); gado de raça Barrosã e Maronesa; porco de raça Bisara; cabras serranas e bravias; cavalos de raça Garrana Polinização
	Interdependência	Sociocultural	Vida Comunitária	Isolamento: partilha de responsabilidades, deveres e benefícios (vizinhos) <i>Vezes ou vezeira</i> Boi do Povo, Corte e Lamas do Boi Rebanhos comunitários Colmador, Quentador, Zeladora, Soqueiro, Sapateiro, Alfaiate
			Arquitetura popular	Lagar, Corte do Boi, Moinhos de Herdeiros, forja, eira, espigueiros, cruzeiros, tanques e lavadouros Forno do Povo (edifício, estrutura e cobertura em granito) Cápeas, guarda-ventos e latas (pormenores construtivos das coberturas primitivas de colmo)
			Património cultural	Arquitetura popular e vivência comunitária Ponte da Misarela Mosteiro de Santa Maria das Júnias Castelo de Montalegre
			Tradições, festas e rituais	Festa do Fumeiro, Chega de Bois e Noite das Bruxas (Montalegre) São João da Fraga (Pitões das Júnias) Carrejada (Cabril), Segada e Carrada (Solveira) Artesanato de burel Caminhos de Santiago
			O “espírito do lugar”	Atividades educativas e de recreiação (tradições, festas, rituais, mitos e lendas) Serviços culturais e reconhecimento territorial Ecoturismo Memória dos castelos de Portelo (Santo André) e Piconha (Santa Maria das Júnias)
		Económica	Atividade primária	Agricultura: cultivo de cereais de sequeiro (centeio), batata, couve, cabaças e nabos; produção de castanha Pecuária: criação de gado (suíno, caprino, ovino, bovino, aves), pastorícia e apicultura Floresta, mato, lameiros, pastagens e baldios Recursos genéticos endógenos (raça barrosã) Recursos bioquímicos Recursos naturais (água, madeira)
	Atividade ecoturística	Prémios e distinções internacionais: UNESCO, Europa Nostra Roteiros ecoturísticos Património cultural e natural Ação educativa (Ecomuseu de Barroso) Festas, feiras e artesanato Produtos alimentares (fumeiro, carne, vegetais, cogumelos, mel)		

Fonte: Autora.

ca. No entanto, assumindo que o espaço físico se constitui na base de referência e de atuação do homem e, por conseguinte, o suporte da sua vivência, mas também num suporte para a construção de uma identidade sociocultural (Benedetti, 2011), equaciona-se a subdivisão das quatro valências entre aquelas

que, para além de apresentarem uma interdependência no sistema, também se consideram de suporte para as demais.

Deste modo, a valência territorial permite identificar a localização e organização do espaço referencial e caracterizar a circunstância natural do

lugar, através de componentes como relevo e clima e, portanto será uma valência de suporte para as restantes, para além da sua interdependência com as demais. Pela mesma lógica se considera a valência ecológica como valência de suporte e de interdependência, permitindo englobar todos os aspetos do património natural e aferindo a diversidade dos ecossistemas presentes na região.

As restantes valências conformam-se pela sua interdependência e pela sua integração com o meio geográfico e natural. A valência sociocultural permite articular as formas de adaptação e de resposta das comunidades, à resiliência necessária para se habitar estas terras, enquadrando componentes como vida comunitária, arquitetura popular, património cultural, tradições, festas e rituais e, ainda, o espírito do lugar<sup>15</sup>. Por fim, a valência económica permite aferir os benefícios, serviços e produtos obtidos e promovidos neste sistema unitário, a partir das componentes atividade primária e atividade ecoturística.

Deste modo, os Quadros 1 e 2 constituem-se numa síntese não exaustiva, para a possibilidade do exercício de mapeamento proposto, que nos permite articular, de um modo geral, todas as valências, componentes e constantes identificadas do sistema da paisagem cultural do Barroso, ficando disponível para que outras leituras possam ser avançadas, tanto por adição e complemento como por contraste.

## **5. Considerações finais para o equilíbrio na gestão de valores e de recursos**

A inter-relação estabelecida, ao longo dos séculos, entre as comunidades barrosãs e o seu contexto territorial, demonstra a compatibilidade e a complementaridade existentes entre a conservação e manutenção dos valores presentes nos ecossistemas e as diversas atividades socioculturais e económicas. A verificação dessa compatibilidade e complementaridade evidencia a capacidade, por um lado de adaptação ao contexto, desenvolvida por estas comunidades, e, por outro lado para uma gestão sustentável dos recursos ecológicos, económicos e sociais.

Adicionalmente, a lógica do reconhecimento nacional e internacional de fazer sobressair as

características e especificidades, que permitem estabilizar as Terras do Barroso como um sistema unitário de paisagem cultural, promove e contribui para o seu processo de patrimonialização. Em rigor, quanto mais profundo for o elo de interligação entre as populações e comunidades e o seu meio geográfico, não só pela vivência, mas também pelo conhecimento que detêm sobre esse meio, maior será a sua compreensão e, consequentemente, a necessidade de proteção e de salvaguarda de todas as características e especificidades desse sistema.

A capacidade que o sistema integrado da paisagem cultural barrosã demonstra em articular todos os aspetos da vida e da cultura comunitária, desde a arquitetura, à agricultura, aos usos, tradições e costumes com o território, evidencia o seu equilíbrio de unidade: por um lado, a atividade humana sobre o território absorvia e extraía do meio, apenas o necessário, para que a vida pudesse acontecer dia-a-dia; por outro lado, a atividade humana foi sendo integrada no território, que se foi moldando e evoluindo, paulatinamente, pela vivência do homem que o habita.

Deste modo se verifica que a importância reconhecida aos ecossistemas presentes em Terras de Barroso tem permitido dar a compreender e reconhecer, em simultâneo, a importância da vivência sociocomunitária e do seu papel para a conservação desses habitats e biodiversidade.

A interdependência entre as quatro valências consideradas, a territorial, a ecológica, a sociocultural e a económica, admitem o enquadramento e a estruturação do equilíbrio entre as suas componentes, naturais e humanas, que definem este sistema. O desenho da paisagem como matriz cultural, desta demarcação espacial, abarca tanto as circunstâncias e contingências do lugar, bem como as funções sociocomunitárias, as atividades agropecuárias e a gestão das terras quer para a aldeia, quer para a agricultura ou para a pecuária e ainda para a floresta, conformando um equilíbrio que se foi moldando ao longo de um tempo longo e que ajuda a uma permanente reconstrução e revalidação de identidade territorial. Se uma das valências falhar, será uma questão de tempo para que todo o sistema se desintegre.

É na variedade e na diversidade apresentadas pelas várias valências, componentes e evidências ou constantes e na interdependência (entre todas), que se compreende a unidade do sistema. As caracterís-

<sup>15</sup> De acordo com a perspetiva de Laurence Loh (2019).

ticas e recursos endógenos definiram os modos, as práticas, as realidades e as exigências, a partir da inter-relação entre o homem e a natureza.

O problema que se coloca a estes sistemas de paisagem cultural subsiste na descontinuidade da qualidade da sua integridade, tanto do ponto de vista social e funcional (que, no caso barrosão, se apresenta com forte pronúncia comunitária), como do estrutural e do visual. O problema não se constitui na transformação, em si própria, à qual o sistema está sujeito, mas na rapidez e intensidade imposta por essa transformação, a partir da imposição de um fenómeno entendido como 'novo'. A imprevisibilidade dessa imposição pode variar a evolução do sistema que, até aqui, se apresentava em equilíbrio e onde o desenvolvimento se equacionava em todas as valências.

Porventura a maior ameaça à integridade da paisagem cultural barrosã constitui-se no abandono, sob vários aspetos e, portanto, sempre dependente de ação humana. O abandono das atividades comunitárias agropecuárias, o abandono das aldeias para meios urbanos mais desenvolvidos ou, ainda, o abandono pelos agentes da governança serão as principais ameaças para a falência do sistema e da degradação do valor do património natural, arquitetónico e cultural, ao não serem asseguradas as condições que permitem a sustentabilidade e o equilíbrio do sistema.

Por conseguinte, serão a sustentabilidade e o equilíbrio do sistema da paisagem cultural do Barroso, que estão a ser colocados em causa, quando a imposição de um fenómeno transformativo não compreende todos os valores, as forças e as dinâmicas que estabilizam esse sistema. A destruição de algumas dessas valências pode transformar o sistema a partir de uma nova hierarquia. Importa saber qual o valor que se impõe, para futuro.

A atualidade do estudo da paisagem cultural torna-se evidente, para este contexto territorial específico, onde decisões sobre a gestão de recursos e de valores podem não estar suportadas por informação suficiente para a necessária compreensão da sua complexidade. Se os processos de globalização dos modos de vida e de relação com os territórios transformaram as formas de produzir, de consumir, de gerir e de pensar e quando se verifica que ainda existem lugares que vão resistindo às transformações aceleradas desses processos globais, talvez seja tempo de, e uma oportunidade para, se aprofundar o

conhecimento sobre os mesmos, as suas génese, causas e motivações.

Este ponto de encontro e de equilíbrio entre o homem e o meio geográfico permite que, a compreensão deste valor contemporâneo do património - a paisagem cultural destas terras barrosãs - se constitua como uma lição de economia dos recursos disponíveis, de escala e de proporção, ou seja, de aspetos também em si essenciais para se equacionar as demandas do compromisso, no alcance dos objetivos do processo global de descarbonização.

## Bibliografia

- AAP-CDN. (1988). *Arquitectura Popular em Portugal*.: Vol. I (3.ª ed.). Associação dos Arquitectos Portugueses - Conselho Directivo Nacional.
- ADRAT, & MAFDR. (2018). *Barroso Agro-Sylvo-Pastoral System - Potential GIAHS/FAO site - March/2018*. ADRAT - Associação de desenvolvimento da Região do Alto Tâmega e MAFDR - Ministério da Agricultura, Florestas e Desenvolvimento Rural. Disponível em <http://www.fao.org/3/I9158EN/i9158en.pdf>
- Baptista, J. D. (2006). *Montalegre*. Montalegre: Município de Montalegre.
- Benedetti, A. (2011). Território: concepto integrador de la geografía contemporánea. In P. Souto (Ed.), *Territorio, Lugar, Paisaje. Prácticas y conceptos básicos en geografía* (pp. 11-82). Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras, UBA.
- Campar de Almeida, A. (2006). Paisagens: um património e um recurso. In R. Jacinto, & V. Bento (eds.), *O interior raiano do Centro de Portugal. Outras fronteiras, novos intercâmbios* (pp. 31-42). Campo das Letras | CEI.
- Cancela d'Abreu, A., Correia, T. P., & Oliveira, R. (Eds.) (2004a). *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal Continental. Volume I*. Vol. I. Coleção Estudos 10. Lisboa: DGOTDU, Universidade de Évora. Disponível em [http://www.dgterritorio.pt/sites/default/files/ficheiros-paisagem/Vol\\_1.pdf](http://www.dgterritorio.pt/sites/default/files/ficheiros-paisagem/Vol_1.pdf)
- Cancela d'Abreu, A., Correia, T. P., & Oliveira, R. (Eds.) (2004b). *Contributos para a identificação e caracterização da paisagem em Portugal Continental. Volume II - Grupos de Unidades de Paisagem. A (Entre Douro e Minho) a E (Douro)*. Vol. II. Coleção Estudos 10. Lisboa: DGOTDU, Universidade de Évora. Disponível em [http://www.dgterritorio.pt/sites/default/files/ficheiros-paisagem/Vol\\_II.pdf](http://www.dgterritorio.pt/sites/default/files/ficheiros-paisagem/Vol_II.pdf)
- Capela de Campos, J. (2005). *Forno do Povo: O templo românico da arquitectura popular*. [Prova Final de

- Licenciatura em Arquitetura]. Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- Capela de Campos, J. (2017). Forno do Povo, o templo românico da arquitetura popular na Serra do Larouco. In R. Jacinto (Ed.), *Outras Fronteiras, Novas Geografias: intercâmbios e diálogos territoriais: Vol. Iberografias 32* (pp. 55-78). CEI - Centro de Estudos Ibéricos; Âncora Editora.
- Comité Nacional MaB. (2018). *Nota nº1/2018: Nota de apoio ao processo de candidatura a Reserva da Biosfera do Programa Man & Biosphere da UNESCO (Aprovada a 30 de maio 2018 na Reserva da Biosfera Transfronteiriça do Gerês-Xurê)*. Disponível em <http://www2.icnf.pt/portal/pn/biodiversidade/ei/resource/doc/mab/Guia-apoio-processo-candidatura-Prog-MaB.pdf>
- Corner, J. (1999). The agency of mapping: speculation, critique and invention. In D. E. Cosgrove, *Mappings* (pp. 213-252). Reaktion Books. Disponível em [https://summerconstructedenvironments.files.wordpress.com/2014/07/corner-james-mapping\\_the-agency-of-mapping.pdf](https://summerconstructedenvironments.files.wordpress.com/2014/07/corner-james-mapping_the-agency-of-mapping.pdf)
- Corner, J. (2002). The hermeneutic landscape (1991). In S. R. Swaffield (Ed.), *Theory in landscape architecture: a reader* (pp. 130-131). University of Pennsylvania Press.
- Covas do Barroso. (2018). Contra exploração da Mina do Barroso / Pela Proteção de Covas do Barroso. *Change*. Disponível em <https://www.change.org/p/contra-a-explora%C3%A7%C3%A3o-da-mina-de-l%C3%ADtio-em-covas-do-barroso>
- Dias, C. C. (2013). *Memórias de Trás-Os-Montes e Alto-Douro: nos 55 anos do «Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa»*. Opera Omnia.
- Jokilehto, J. (2006). Considerations on authenticity and integrity in World Heritage context. *City & Time*, 2(1), 1-16. Disponível em <http://www.ct.ceci-br.org/novo/revista/rst/viewarticle.php?id=44>
- Le Bossé, M. (2013). As questões de identidade em geografia cultural - algumas concepções contemporâneas. In Z. Rosendahl & R. L. Corrêa (Eds.), *Geografia cultural uma antologia: Vol. II* (pp. 221-232). Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.
- Loh, L. (2019). Reading 6: Conveying the Spirit of the Place (2007). In J. Cody & F. Siravo (Eds.), *Historic Cities: Issues in Urban Conservation* (pp. 46-48). The Getty Conservation Institute.
- Lusa. (2019, Dezembro 19). Assembleia Municipal de Boticas aprova moção contra exploração de lítio. *Dinheiro Vivo*. Disponível em <https://www.dinheirovivo.pt/economia/assembleia-municipal-de-boticas-aprova-mocao-contra-exploracao-de-litio/>
- Martins, G. d'Oliveira. (2009). *Património, herança e memória: a cultura como criação* (1. ed). Gradiva.
- Movimentos associativos de Arcos de Valdevez, Braga, Boticas, Caminha, Coimbra, Covilhã, Fundão, Gouveia, Guarda, Lisboa, Montalegre, Seia, Viana do Castelo e Viseu. (2020a). *Manifesto Nacional contra o Plano de Mineração em Portugal (versão de 21/01/2020), por Associação Montalegre Com Vida, Associação Unidos em Defesa de Covas do Barroso, Corema - Associação de Defesa do Património; Movimento de Defesa do Ambiente e Património do Alto Minho, Em Defesa da Serra da Peneda e do Soajo, Guardiões da Serra da Estrela, Movimento Contra a Exploração de Recursos Minerais no Concelho de Montalegre, Movimento ContraMineração Beira Serra, Movimento ContraMineração Penalva do Castelo, Mangualde e Sátão, Movimento de Cidadãos por uma Estrela Viva, Movimento Lisboa Contra as Minas Movimento SOS Serra d'Arga, SOS - Serra da Cabreira - BASTÕES ao ALTO!, Petição Pela Preservação da Serra da Argemela/contra a Extracção Mineira, PNB - Povo e Natureza do Barroso e SOS Terras do Cávado*. In <https://drive.google.com/file/d/10XtgGrXwhFbB6jkhmzvr2WArtSharaiV/view>
- Movimentos associativos de Arcos de Valdevez, Braga, Boticas, Caminha, Coimbra, Covilhã, Fundão, Gouveia, Guarda, Lisboa, Montalegre, Seia, Viana do Castelo e Viseu. (2020b). *Pedido de Transparência Pública ao Ministério do Ambiente e da Acção Climática, no âmbito da implementação da nova lei 54/2015 da mineração, por Associação Guardiões da Serra da Estrela, Associação Montalegre Com Vida, Associação Unidos em Defesa de Covas do Barroso, CERVAS - Centro de Ecologia, Recuperação e Vigilância de Animais Selvagens, Corema - Associação de Defesa do Património, Em Defesa da Serra da Peneda e do Soajo, GAF - Grupo Aprender em Festa, Movimento ContraMineração Beira Serra, Movimento Contra Mineração Penalva do Castelo, Mangualde e Sátão, Movimento de Cidadãos por uma Estrela Viva, Movimento de Defesa do Ambiente e Património do Alto-Minho, Movimento Lisboa Contra as Minas, Movimento Não às Minas - Montalegre, Movimento SOS Serra d'Arga, SOS - Serra da Cabreira - Bastões ao Alto!, Petição Pela Preservação da Serra da Argemela/contra a Extracção Mineira, PNB - Povo e Natureza do Barroso, SOS Terras do Cávado*. In [https://drive.google.com/file/d/1yCT78oXlu\\_LrGJmfFgSwl-GZgVvJREKag/view](https://drive.google.com/file/d/1yCT78oXlu_LrGJmfFgSwl-GZgVvJREKag/view)
- Nazareth, J. M. (1993). Demografia e ecologia humana. *Análise Social*, XXVII (123-124), 879-885. Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223292810L7vCS1nq7Nm73HI5.pdf>
- Resolução do Conselho de Ministros n.º 107/2019 - Aprovação do Roteiro para a Neutralidade Carbónica 2050 (RNC 2050), Diário da República n.º 123/2019, de 01/07/2019, Presidência do Conselho de Ministros (2019). Disponí-

- vel em [https://descarbonizar2050.pt/uploads/RCM\\_107\\_2019.pdf](https://descarbonizar2050.pt/uploads/RCM_107_2019.pdf)
- Reis, J. (2015). Território e políticas do território. A interpretação e a ação. *Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia*, 50(100), 107-122. <https://dx.doi.org/10.18055/Finis7868>
- República Portuguesa - Ambiente e Transição Energética, Fundo Ambiental - Portugal, & APA - Associação Portuguesa do Ambiente. (2019). *Roadmap for carbon neutrality 2050 (RNC2050): Long-term strategy for carbon neutrality of the Portuguese Economy by 2050*. Governo de Portugal, Fundo Ambiental - Portugal, APA. Disponível em [https://unfccc.int/sites/default/files/resource/RNC2050\\_EN\\_PT%20Long%20Term%20Strategy.pdf](https://unfccc.int/sites/default/files/resource/RNC2050_EN_PT%20Long%20Term%20Strategy.pdf)
- Ribeiro, O. (1998). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico* (1.ª ed.-1945, Coimbra Editora). Livraria Sá da Costa.
- Rossi, A. (2001). *A arquitectura da cidade* (J. C. Monteiro (Trad.); 2.ª ed. Cosmos; ISBN 972-762-126-0).
- Serrão, A. V. (2014). Paisagem e ambiente: uma distinção conceptual. *Enraonar. Quaderns de Filosofia*, 53, 15-28. <https://doi.org/10.5565/rev/enraonar.200>
- United Nations. (2015). *Paris Agreement (Acordo de Paris: Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre as Alterações Climáticas)*. UN. Disponível em [https://unfccc.int/files/essential\\_background/convention/application/pdf/english\\_paris\\_agreement.pdf](https://unfccc.int/files/essential_background/convention/application/pdf/english_paris_agreement.pdf)
- United Nations General Assembly. (2015). *A/69/L.85: Draft outcome document of the United Nations summit for the adoption of the post-2015 development agenda: «Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development»*. United Nations. Disponível em [https://www.un.org/ga/search/view\\_doc.asp?symbol=A/69/L.85&Lang=E](https://www.un.org/ga/search/view_doc.asp?symbol=A/69/L.85&Lang=E)
- World Heritage Committee. (2018). *CPM.17/01 (12 Julho 2017): Orientações técnicas para aplicação da Convenção do Património Mundial*. [Review of CPM.17/01 (12 Julho 2017): Orientações técnicas para aplicação da Convenção do Património Mundial., revisto por C. B. Cabral & T. Andresen]. UNESCO World Heritage Centre; Comissão Nacional da UNESCO (Portugal). Disponível em <http://whc.unesco.org/en/guidelines/>

